

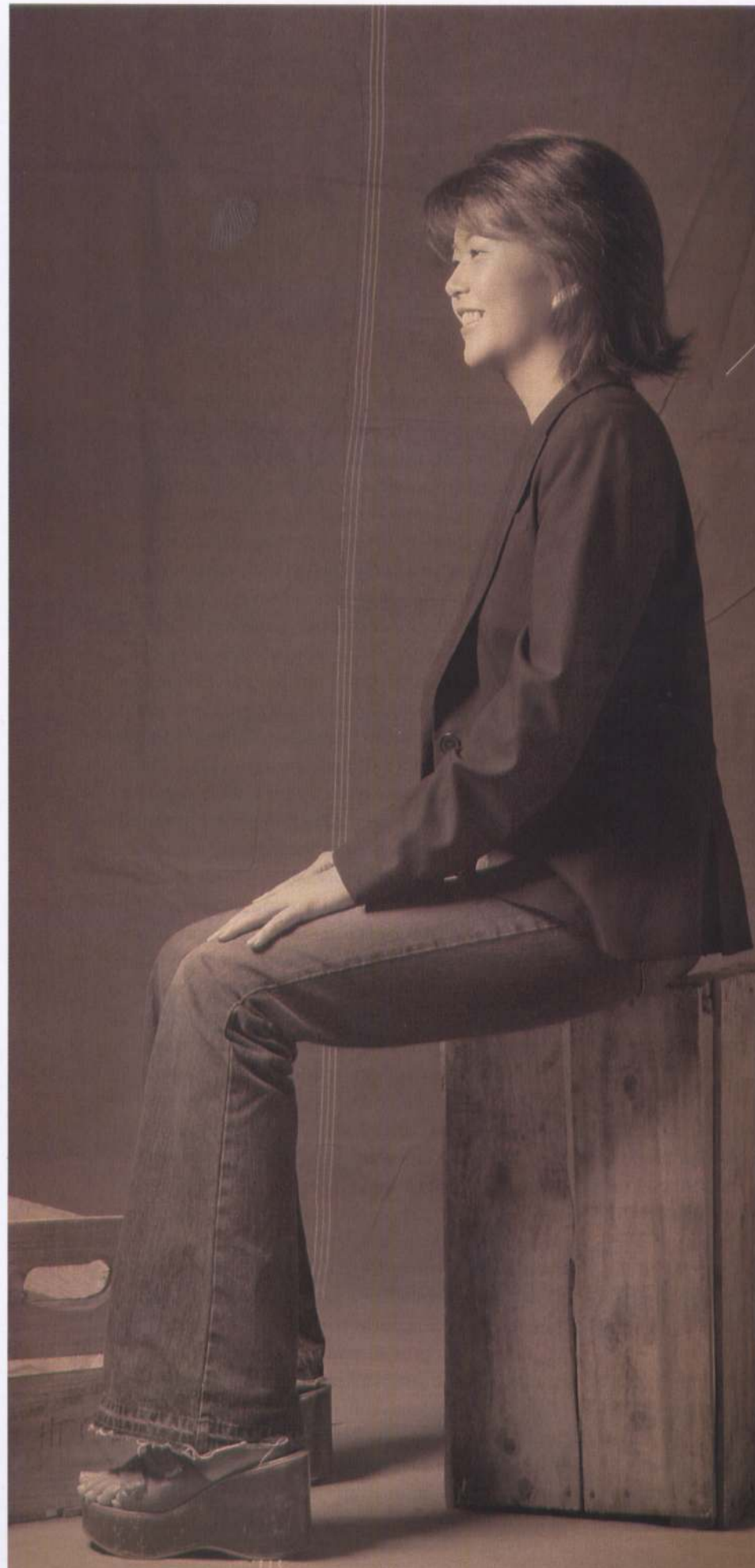


NOSSOS LÍDERES

Como todos os movimentos sociais e políticos, o ambientalismo necessita de lideranças. E elas estão sendo encarnadas no Brasil por empresários, executivos e ativistas modernos – empenhados em mostrar o caminho para um futuro sustentável

POR RAFAEL BARIFOUSE

FOTOS RODRIGO MARQUES



A protetora

ANA YANG, 32 ANOS

PRESIDENTE DA FSC BRASIL

Estar à frente de uma ONG que estabelece e divulga padrões de produção sustentável de madeira foi uma proposta sedutora demais para Ana Yang recusar. Paranaense de 32 anos, paulistana de coração, Ana estava na Amazônia, preparando-se para cursar um mestrado na Inglaterra, quando recebeu o convite para ser secretária-executiva do FSC Brasil, braço da organização Forest Stewardship Council que supervisiona a exploração de 85 milhões de quilômetros quadrados de florestas no mundo. Nos quatro anos em que trabalhou na Natura, até 2003, a administradora de empresas contava histórias para crianças carentes. "Ficava tão feliz que decidi transformar em trabalho o que fazia no meu tempo livre", diz. Aproveitou uma reestruturação da empresa, demitiu-se e foi para a ONG Amigos da Terra, onde ficou um ano. Ao receber o convite do FSC Brasil, em 2004, decidiu concentrar esforços em aumentar o conhecimento sobre o selo FSC, que identifica os produtos feitos com critérios de sustentabilidade. Hoje, cerca de 5,2 milhões de hectares das florestas brasileiras são manejados sem prejuízos à natureza por 71 produtores. Isso equivale apenas a 1% da área total, mas representa um sinal de que o verde estará lá no futuro. Presidente do Grupo Orsa e responsável pela maior área produtora de madeira certificada do Brasil, Sérgio Amoroso testemunha a seriedade do trabalho. "Foram mais de 25 reuniões em seis meses para recebermos o selo", afirma. "A cada seis meses eles fiscalizam tudo." A meta de Ana, agora, é expandir o mercado para os produtos das 190 empresas certificadas. Terá de contornar o custo mais alto, mas isso não abala seu entusiasmo. "Trabalho mais, ganho menos, mas durmo feliz", afirma.



impossível pensar no movimento americano pelos direitos civis sem que venha à mente a figura do reverendo Martin Luther King. Da mesma forma, a luta não violenta contra o colonialismo invoca, inevitavelmente, a serena determinação do indiano Mahatma Gandhi. A cada movimento histórico de avanço e conscientização corresponde uma personalidade que o encarna. O Maio de 68, na França, que colocou os jovens no mapa da política e revolucionou os costumes, está associado ao ruivo Daniel Cohn-Bendit, assim como a conquista de direitos dos consumidores tem como símbolo o advogado americano Ralph Nader. São todos líderes. Todos foram, a seu tempo, imprescindíveis. Deles dependeu o sucesso, ou pelo menos a deflagração, de amplos movimentos sociais e políticos. Na ecologia há pioneiros notáveis, como o cientista britânico James Lovelock. Sua teoria de Gaia, de 1969, que enxerga o planeta como um superorganismo auto-regulado, foi uma espécie de mãe de todas as idéias preservacionistas. No Brasil, o agrônomo gaúcho José Lutzenberger, morto em 2002, foi o primeiro a dar o alerta: deixou um posto executivo na Basf mundial em 1971 para pregar a agricultura sustentável e a preservação ambiental. Essa primeira onda contribuiu para pôr de pé a Conferência Mundial Sobre o Meio Ambiente, organizada pela ONU na cidade de Estocolmo, em 1972 – o marco que lançou a discussão ecológica em escala global. Mas o movimento ambientalista mundial, a despeito de seu vigor e de

sua diversidade, aos quase 35 anos, ainda não engendrou um Gandhi ou um Luther King. O ex-vice-presidente americano Al Gore, com seu vibrante ativismo contra o aquecimento global, registrado pelo documentário *Uma Verdade Inconveniente*, é o mais próximo que existe de uma liderança capaz de catalizar a indignação e a energia que um problema dessa magnitude requer. Mas ele não tem equivalentes no meio empresarial. Até há pouco, as empresas e seus dirigentes ainda relutavam em abraçar uma causa – o ambientalismo – que a muitos parecia estar na contramão do lucro. Trata-se de um mal-entendido mundial, tanto quanto brasileiro. Por isso é importante apontar as novas lideranças ambientalistas que despontam no Brasil. São empresários, executivos e dirigentes de organizações não governamentais preocupados, fundamentalmente, em tornar sustentáveis as práticas das empresas e das cidades brasileiras, sem abrir mão do lucro e da produtividade.

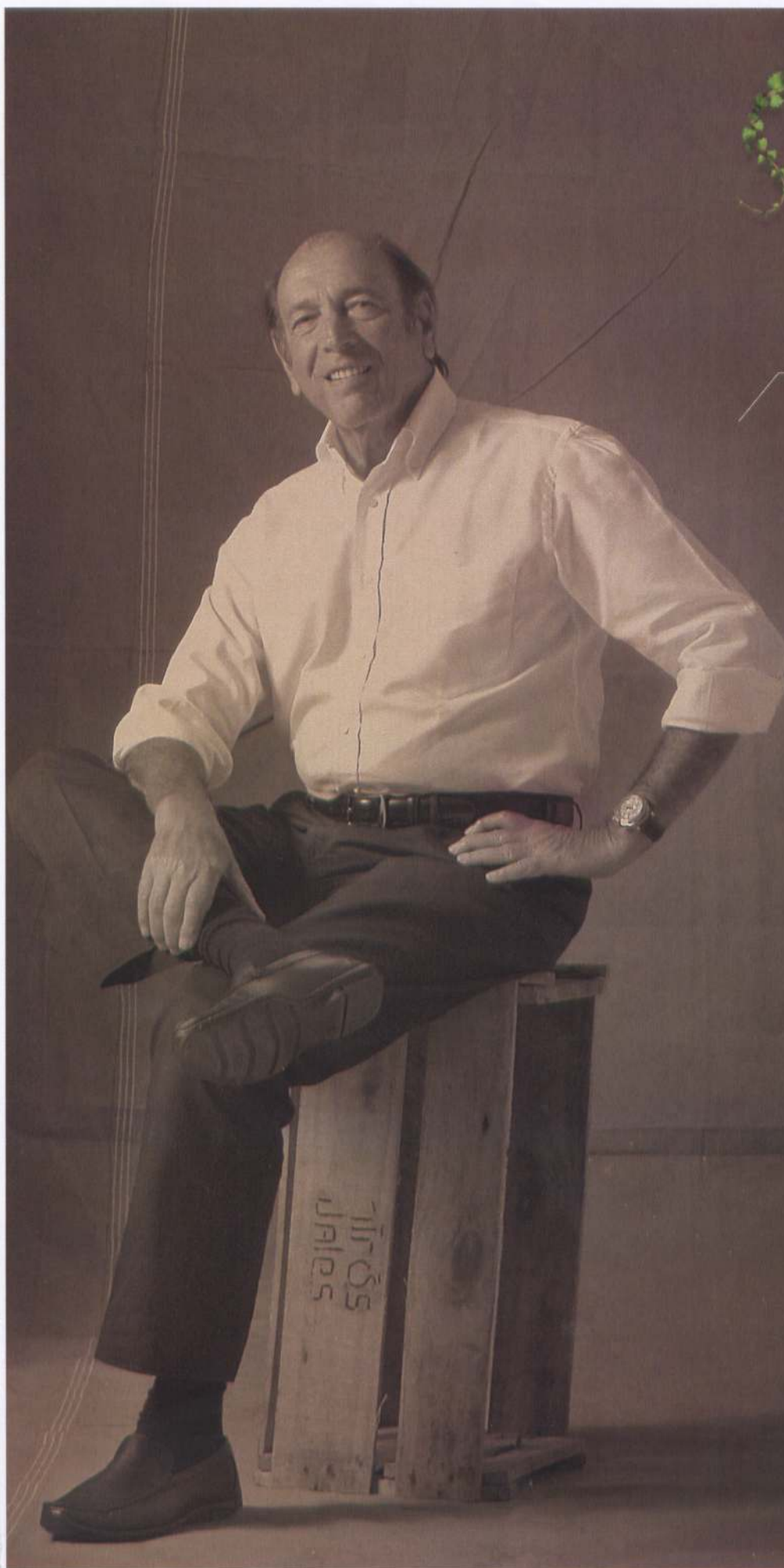
Eles nada têm em comum com os xiitas exasperados que invadem fazendas, destroem plantações e atacam empresários em reuniões internacionais. “São personalidades reconhecidas por sua trajetória de vida ou pela capacidade de inovar e que, por isso, são capazes de moldar comportamentos”, diz Fábio Feldmann, consultor e secretário-executivo do Fórum Paulista de Mudanças Climáticas. A missão desses líderes não é trivial em uma economia pautada pelo dogma do desenvolvimento a qualquer custo. É necessário ensinar, convencer, pressionar, construir. Depois de anos de debates e preparação, apresenta-se para esses desbravadores um novo desafio. O consenso social em torno da questão ecológica, e as exigências dos consumidores, permitem avançar para além da retórica e criar exemplos práticos de sustentabilidade, que possam ser emulados por um número cada vez maior de empresas. “Cabe a essas pessoas com papel de liderança mostrar que isso é possível”, diz Ricardo Young, presidente do Instituto Ethos. Mostrar, em outras palavras, que um outro mundo – mais limpo, mais equilibrado, muito mais duradouro – está, sim, ao alcance das mãos.



O ideólogo

ISRAEL KLABIN, 80 ANOS
PRESIDENTE DA FBDS

Em dezembro de 2006, o banqueiro David Rockefeller trouxe 15 empresários americanos ao Brasil para discutir o futuro das energias renováveis. No fim do mês passado, um seminário do BNDES reuniu mais de 150 pessoas em torno da evolução da agroenergia. Por trás dessas e de outras iniciativas está Israel Klabin, fundador e presidente da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS). Aos 80 anos – que parecem 60 –, ele segue ativo e influente no meio empresarial. Muito jovem, assumiu com os tios o comando da empresa da família, a Klabin, depois do falecimento de seu pai. Nessa posição conheceu personalidades como os presidentes Juscelino Kubitschek, John F. Kennedy e o próprio Rockefeller, amigo de longa data. Quando a diretoria foi profissionalizada, no início dos anos 80, Klabin viu uma oportunidade. “Passei para o conselho e tive mais tempo para exercer minha vocação de ambientalista”, conta. Essa disposição, diz ele, vem da família, oriunda da Lituânia. Lá, as comunidades judaicas de pequenos comerciantes de produtos florestais viam na preservação da mata a única garantia para seu futuro. Esses princípios são mantidos nas fábricas de papel da família desde o começo do século. Prefeito do Rio de Janeiro entre 1980 e 1983, ele se dedica desde 1992 à FBDS: reúne empresas e especialistas para estabelecer critérios e projetos de sustentabilidade. É otimista quanto ao comportamento dos empresários diante do tema. “Aos poucos, a gestão dos impactos ambientais está sendo incorporada aos modelos de negócios”, diz.





O construtor

MARCELO TAKAOKA, 49 ANOS,
PRESIDENTE DA Y. TAKAOKA

Quando assumiu a empresa da família, em 1995, o engenheiro Marcelo Takaoka, de 49 anos, decidiu inovar com o condomínio Gênesis. Em um terreno com grande parte de mata atlântica em Santana do Parnaíba, no interior de São Paulo, poderia ter seguido a lei e ocupado mais da metade da área. Em vez disso, usou apenas 16% do terreno, uma decisão coerente com a capacidade das nascentes locais. "Diziam que daria prejuízo", diz. "Foi um sucesso de vendas." Salvo um porém: os clientes vieram cheios de expectativas ecológicas que o projeto não contemplava. Takaoka pediu ajuda à Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável. A parceria rendeu idéias como o tratamento do esgoto e o uso de madeira sustentável para causar menos danos à natureza. Reflorestar a área gerou uma reserva ecológica. O bom resultado comercial permitiu replicar o modelo em um segundo Gênesis, concluído no ano passado. Pelo empreendimento, recebeu das mãos de Al Gore o Prêmio ECO da Câmara Americana de Comércio em 2006. Vanderley John, integrante do grupo de construção civil sustentável da Escola Politécnica, acredita que a incorporação da sustentabilidade na estratégia da Y. Takaoka Empreendimentos quebrou paradigmas: "Ele mostrou que a preservação ambiental não é inimiga do lucro", afirma John. Desde então, Takaoka encampou de vez a questão, sem abandonar seu lado empresarial. "Para onde quer que se olhe há novas oportunidades de negócios", diz. Usuário de energia solar em casa, Takaoka faz parte do conselho brasileiro do Greenpeace e, nas horas vagas, estuda a felicidade humana.



O reciclador

ANDRÉ VILHENA, 37 ANOS
PRESIDENTE DO CEMPRES

O Brasil é o país em desenvolvimento que mais recicla lixo urbano. São quase 6 milhões de toneladas por ano, 11% do total. Parece muito, mas poderia ser mais. A capacidade ociosa de reciclagem do país gira entre 20% e 40%, e eliminá-la é uma das metas de André Vilhena, de 37 anos, à frente do Compromisso Empresarial para a Reciclagem (Cempre). "Isso acontece porque a maioria das pessoas ainda desconhece o assunto e a cadeia é mal organizada", explica. Criada em 1992, a ONG reúne e divulga informações sobre reciclagem. Também articula parcerias com suas 22 empresas sócias e dá apoio técnico a prefeituras e cooperativas. O interesse do engenheiro carioca pela reciclagem surgiu durante um mochilão pela Europa: ele se impressionou com o estágio avançado da atividade por lá. Fez um projeto de iniciação científica sobre o tema na faculdade de engenharia química e decidiu seguir carreira na área. "Fui chamado de louco", diz. O interesse não foi passageiro. Hoje, como presidente do Cempre, defende os benefícios da reciclagem não só para o meio ambiente, mas também como alternativa para a redução da pobreza. Explica-se: catar lixo para as cooperativas é uma alternativa de renda para a população carente – e os 800 mil catadores ajudam a corrigir o problema do desperdício urbano. Vilhena aposta suas fichas na liberação de uma verba de R\$ 170 milhões do BNDES para cooperativas de catadores: "Vai mudar o cenário da reciclagem no Brasil".



O pregador

HÉLIO MATTAR, 60 ANOS

PRESIDENTE DO INSTITUTO AKATU

O nome do Instituto Akatu - "semente boa", em tupi - dá pistas de sua missão pioneira: conscientizar o consumidor sobre a importância de decidir o que comprar e de quem comprar. Seu método é valorizar empresas atentas com a preservação ambiental e criar, assim, um círculo virtuoso, que estimule mais investimentos em práticas, produtos e serviços sustentáveis. Fechar esse círculo era a vontade de Hélio Mattar, de 60 anos, ao fundar a ONG em 2001. Formado em engenharia, ele deu uma reviravolta em sua carreira de duas décadas como empresário, sem arrependimentos. "Meu padrão de vida caiu, mas minha satisfação pessoal aumentou muito", diz Mattar. Com a verve de quem ensinou por 12 anos na Universidade de São Paulo, ele parece capaz de convencer qualquer interlocutor dos efeitos do consumo para a degradação do meio ambiente. "Durante a vida, uma pessoa enche de lixo o andar de um prédio. Consumir faz parte do cotidiano, mas temos de prestar atenção aos detalhes", afirma. A pesquisa mais recente do Akatu indica que quase dois terços dos brasileiros ignoram o potencial de suas decisões de consumo e que, no terço restante, muitos duvidam que suas decisões pessoais possam fazer diferença. Para mudar essa percepção imobilista, ele foca seu trabalho em campanhas de conscientização e na formação de lideranças comunitárias. Faz isso em parceria com grandes empresas. No banco Itaú, por exemplo, funcionários são preparados para dar aulas em escolas estaduais de São Paulo. "Os voluntários passam à frente o conhecimento e mostram à comunidade que mudar hábitos de consumo é parte da solução", diz Ana Beatriz Patrício, superintendente da Fundação Itaú Social, coordenadora do projeto. Apesar dos avanços nos últimos seis anos, o ex-empresário Mattar acha que, dificilmente, se poderá atingir um padrão perfeito de consumo: "Mas nossas expectativas e padrões serão cada vez mais elevados, e isso é bom".